

## RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo, Summus, 1979. 119 p. *Novas Buscas em Educação*, 3.

A obra em estudo é uma reunião de três conferências proferidas em Belo Horizonte pela poetisa (e professora) no ano de 1951, data da primeira edição.

*Problemas da literatura infantil* está dividido em dezenove pequenos capítulos onde são examinados, com seriedade e sensibilidade, os problemas que sempre vêm à tona quando se discute literatura infantil.

No primeiro capítulo — LITERATURA GERAL E INFANTIL — a Autora afirma que não existe uma literatura infantil autônoma, isto é, separada de uma literatura geral, mas que há uma dificuldade no que concerne à delimitação do que deve ser considerado infantil. Diz, ainda, que se costuma classificar como literatura infantil tudo aquilo que é escrito para as crianças. Porém, os adultos, aqueles que escrevem para os pequenos, não consideram que são os infantes que delimitam o que seja a sua literatura, de acordo com as suas preferências, o seu gosto. Daí depreende-se que não há uma literatura infantil "a priori", mas "a posteriori", já que ela não deve ser classificada como aquilo que é escrito para as crianças (pelos adultos), contendo informações que os escritores julgam relevantes para a formação moral do pequeno leitor, mas o que estes lêem com prazer e utilidade. Mais adiante a poetisa-professora diz que "mais do que uma literatura infantil, há livros para crianças".

O LIVRO INFANTIL, título do segundo capítulo, constitui-se numa explicação sobre a história do livro infantil, que é, de certa forma, recente. Nesta categoria — livro infantil — estão incluídos aqueles que chamamos "de aprender a ler", bem como as séries de obras que os complementam, sendo que estas séries podem, excepcionalmente, possibilitar a imaginação dos leitores; a seguir, Cecília Meireles fala-nos dos livros das diferentes disciplinas escolares, livros estes utilizados na aprendizagem formal — caracterizados como "recreação" — e, ainda, nos livros de gravuras, destinados aos pequeninos que ainda não sabem ler, de grande valor, já que neles a comunicação é feita por meio do desenho, que é anterior à palavra escrita.

Tais livros despertam a curiosidade e a criatividade, uma vez que, a partir da gravura, a criança poderá criar diálogos, inventar histórias, etc.

O livro infantil, segundo a Autora, poderia ser caracterizado pelo estilo: simples, fácil, ao alcance de toda a criança que se interessasse por literatura. Entretanto, o pequeno leitor não é tão passivo como muitos imaginam e não aceita leituras tão simples. Exige certo conteúdo. E neste conteúdo entra o adulto. O que o adulto julga adequado à criança? O que ele ainda tem de criança e o que esta já tem de adulto para que, no livro, haja uma intercomunicação? Então será a criança — o objetivo visado — que deverá saber o que é melhor para si, o que lhe convém. O importante é que a própria criança descubra o livro e tal descoberta recaí, muitas vezes, sobre aquele livro despretensioso, sem figuras ou atrativos. O verdadeiro livro infantil é aquele que faz com que o leitor esqueça o real e passe a viver o imaginário. Uma vez descoberto o livro, a criança vive o seu enredo e os seus personagens, cria e recria, a partir dali, novos personagens e, conseqüentemente, novos enredos, novas histórias, novas vidas.

O livro infantil é aquele que dá lições de vida ao leitor, lições que nunca serão esquecidas.

O que constitui a literatura infantil é o acervo de livros que (...) as crianças têm preferido, têm incorporado ao seu mundo, familiarizados com suas aventuras, seus heróis, até seus hábitos e sua linguagem, sua maneira de sonhar, suas glórias e derrotas (p. 28).

Literatura infantil, diz CM, não é passatempo, é nutrição; nutrição do espírito. No livro para crianças deverá existir sempre certa dose de mistério que o pequeno leitor descobrirá pela intuição.

No que concerne à duração de uma obra de literatura infantil no tempo, ela será determinada pelo próprio leitor. O que deverá seduzir será a história e esta poderá ser, perfeitamente, oral. Aqui, a Autora enaltece os narradores, pois, se não fossem eles, muitas histórias teriam sido esquecidas; hoje lemos o que ontem ouvimos contar.

A Autora dá especial atenção à literatura oral, afirmando-nos que ela permanece, pois nem todos têm acesso aos livros, mas todos tomam conhecimento das histórias, contos, narrativas, por seu intermédio; diz-nos, ainda, que as primeiras narrativas são de singular importância na formação psicológica da criança: elas são as primeiras a serem incorporadas pela memória, pois antes de saber ler, sabe ouvir e embora não entenda o mundo, o percebe.

No décimo capítulo, CM fala dos aspectos da literatura infantil. O primeiro deles seria o que chamamos "folclore", ou seja, a tradição oral que passa a ser escrita; o segundo aspecto diz respeito aos livros que escritos

para determinada criança passaram a pertencer, por assim dizer, a todas, a ser de uso geral, como por exemplo "As Fábulas", de La Fontaine; entre outros. O terceiro, seriam obras — como "Robinson Crusóé" — que não foram escritas para crianças, mas que vieram às suas mãos depois de terem sido feitas reduções e simplificações a fim de tornarem-se mais compreensíveis, ao alcance do pequeno leitor. Tais obras, mais as de Swift e Alexandre Dumas, parecem ter poderes mágicos, pois as imagens ali descritas tornam-se autônomas e permitem a entrada do leitor no enredo.

Mas os livros infantis mais apreciados, os verdadeiros livros infantis — os que as crianças lêem com gosto e não aqueles que para elas são escritos, como já foi dito — são, sem sombra de dúvida, os de Júlio Verne e os de Mme. de Ségur, principalmente, pois mostram, sem deixar de lado o encanto e o mistério, o caminho da vida e, além disso, perduram até hoje.

Na obra em estudo, é dedicado um capítulo à "Alice no país das maravilhas" e à "Alice no país do espelho", de Carroll. Por quê? Porque foram construídas com elementos da realidade, mas mais rico do que qualquer conto de fada: aqui, mais do que em qualquer outra obra de literatura infantil, é o fenômeno humano que se faz presente. A vara de condão, em parte, cede lugar ao feito humano. O poético e o absurdo se mesclam. A importância da obra de Carroll está no fazer a criança questionar, abstrair da realidade o que esta tem de mais importante e sadio, fazê-la ter consciência de si e do outro; saber que tudo tem uma causa e um efeito explicados. Além de tudo isto, as histórias de Carroll foram construídas com a ajuda do personagem.

Mais adiante, a Autora analisa as obras que formam as "clássicas" bibliotecas infantis: são livros que se perpetuam e a explicação é simples: livros que se perpetuam são aqueles que têm essência e capacidade de satisfazer as inquietações dos homens.

"Como fazer um bom livro infantil?" pergunta CM no décimo-quarto capítulo. Um bom livro deve conter uma história rica em conteúdo humano. Para tanto, nada melhor do que fazer reduções criteriosas de obras-primas, como as de Shakespeare por exemplo. A redução bem feita (e às vezes uma boa adaptação) traz um mundo que parece ser inacessível para bem perto do pequeno e curioso leitor, além de fazê-lo discernir o que é, realmente, um bom e um mau livro.

Quanto à influência das primeiras leituras, a Autora nos diz que são as mais importantes, uma vez que não são mais esquecidas: as primeiras leituras são um pequeno universo novo que é conhecido. Repercutem por toda a vida: ajudam a construir a personalidade do leitor ou a destruí-la, pois nem todos têm o mesmo comportamento frente ao que se lhes apresenta, por isso a seleção deverá ser criteriosa, por parte dos pais ou professores que deverão, antes de dar este ou aquele livro à criança, fazer uma sondagem

a fim de verificar o seu comportamento, sua reação frente a esta ou àquela situação de vida.

E o herói? pergunta a Autora. Qual o herói ideal, o que serve para todos? É difícil definir o herói, se bem que seja fácil analisá-lo. Basta que utilizemos os livros infantis mais divulgados e a opinião que deles as crianças têm. O herói é o exemplo vivo em torno de quem gira o interesse do infante. O pequeno leitor transforma-se naquele personagem que mais lhe agrada, que mais lhe desperta o interesse: esse será o seu herói. O herói, então, não é aquela figura criada somente pela imaginação, mas pessoas que existiram ou existem e que, com sacrifícios e lutas, construíram um destino motivador de admiração, respeito e, até, de imitação.

O capítulo intitulado MAS OS TEMPOS MUDARAM é uma reflexão sobre a mudança de valores que ocorre com o passar dos tempos; as obras que as crianças liam encantadas no século passado (e, mesmo, neste) são considerados pela maioria das crianças de hoje como "ingênuas". O herói do nosso tempo — da atualidade — é o anti-herói: sai dos jornais, sem coragem como os de antes, mas atrevido; desprovido de inteligência, mas hábil. O herói — mais válido seria dizer o anti-herói — é o aventureiro.

CM, rapidamente, fala do perigo que representa a história em quadros, uma vez que tolhe, ou, até mesmo, impede, a imaginação e a criatividade da criança, já que ali tudo está pronto, interpretado, para ser consumido.

No último capítulo — A CRISE DA LITERATURA INFANTIL — a Autora afirma que tal crise é da literatura em geral. Entretanto, é mais do que necessário que a criança seja conduzida a uma formação que lhe proporcione um certo poder de flexibilidade espiritual, a fim de compreender as situações que terá de enfrentar e ninguém, ou nada, permitirá tal flexibilidade espiritual mais do que a literatura adequada, como por exemplo colocando nas mãos dos leitores biografias, literatura de conteúdo humanístico. A crise na literatura infantil, entretanto, não é — como a maioria pensa — de carência; ao contrário: é de abundância. Há de tudo, diz CM, todavia a criança cada vez lê menos. Por quê? Porque a história de "antigamente" é ingênuo; o que os meios de comunicação (e a televisão é o melhor exemplo) apresentam já é sintetizado, interpretado; a atualidade chega em tom e de maneira fáceis. A reflexão do leitor é, de certo modo, menos prezada. Mesmo sem ler, sem pensar, sem abstrair, o homem da atualidade tira grandes vantagens.

A leitura é fundamental — assim como as representações, o teatro, diz a Autora — e deve iniciar na infância. Só ela dá possibilidade ao homem de exprimir o pensamento de modo lúcido e exato.

O tema desta obra de Cecília Meireles é tão atual e palpitante como

há trinta anos atrás quando foi escrita. O assunto é muito interessante; a linguagem é simples, direta; os capítulos com um encadeamento lógico, nos dão uma visão geral do que é a literatura infantil, quais os problemas que ela enfrenta hoje, o que se pode fazer para solucioná-los, ou amenizá-los, para fazer com que a criança leia mais, isto é, motivá-la, e, assim, ajudá-la na sua construção, pois ela é um ser que constrói com imaginação; imaginação que irá lançá-la num mundo desconhecido mas atraente: do sonho, do devaneio, da busca...

Maria Rita Ponsi Motta

FILIPOUSKI, Ana Mariza & ZILBERMAN, Regina. *Erico Verissimo e a literatura infantil*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Estadual do Livro, 1978.

A literatura infantil constitui um campo de pesquisa que, atualmente, se está difundindo no Rio Grande do Sul. Nesta área, surge a obra *Erico Verissimo e a literatura infantil*, onde as Autoras procuram mostrar as possibilidades de se adaptar um método estrutural à descrição da narrativa infantil. A partir do estudo da organização da "camada narrativa" buscam atingir uma hermenêutica do texto.

O livro se divide em três partes assim configuradas:

#### 1. O moto contínuo narrativo

Nesta primeira parte são apresentadas as trinta e uma funções de Vladimir Propp, expostas em sua obra "Morfologia do Conto", tendo como objeto o conto folclórico russo. As Autoras, a partir da descrição proposta no referido livro, analisaram seis narrativas infantis de Erico Verissimo: "As aventuras do avião vermelho", "Os três porquinhos pobres", "Outra vez os três porquinhos", "A vida do elefante Basílio", "O urso com música na bariga" e "Rosa Maria no castelo encantado".

A análise realizada demonstra a possibilidade do uso exitoso do modelo proppiano no corpus escolhido, apesar de provir do folclore; por outro lado, confirma as observações de Vladimir Propp com referência às seqüências narrativas: estas não ocorrem em cada narrativa tomada isoladamente, mas nos corpus utilizado, visto como uma totalidade.

#### 2. A criança: sujeito e objeto da produção literária

A análise das funções de Propp, que se situa a nível de significante, condiciona o estudo do significado; são retomadas aquelas funções que constituem o núcleo da narrativa, por motivarem "o desenvolvimento da intriga, porque:

— são as informações obtidas que determinam, via de regra, a ação do herói;

— a ação expressa-se através de uma carência ou falta; à sua supressão concorre o desenrolar da história" (p. 42).

O primeiro núcleo se centra em duas funções: pedido de informação e informação obtida. A maior ênfase é dada à informação obtida, que pode levar o seu leitor (criança) à aprendizagem. São destacadas três tipos de informação:

— informação científica: possibilita a aprendizagem de conceitos;

— informação moralizante: veiculada pelo adulto, tem em vista integrar o leitor ou herói à ideologia consagrada pela sociedade em que está inserido;

— informação fantástica: caracteriza o mundo infantil e pode se referir tanto ao espaço real quanto ao espaço simbólico.

O segundo núcleo corresponde às funções de carência e superação da carência. As carências são motivadas e a tentativa de superá-las impulsiona a ação.

### 3. O estatuto da literatura infantil

Neste item são apresentados os resultados da análise relacionados às funções nucleares: pedido de informação e informação obtida e carência e superação da carência, mostrando que a obra de Erico Verissimo:

— vem ao encontro das necessidades físicas e psíquicas da criança;

— se constitui numa literatura "informadora" e "formadora", porque "age sobre seu leitor e espera influir em seu comportamento" (p. 62).

As Autoras, após apresentarem, brevemente, conceitos de literatura (literatura como jogo, literatura como evasão e literatura como compromisso), mostram que nestas três acepções "há lugar para a compreensão da literatura infantil, e a descrição de suas características inerentes", conferindo-lhe (à literatura infantil) "um status próprio e a necessidade de um maior aprofundamento na determinação de sua natureza" (p. 67).

A seguir, as funções nucleares da narrativa são novamente retomadas e aplicadas nos textos não infantis "Os cavalinhos de platiplano", de José J. Veiga, e "Clarissa", de Erico Verissimo.

Erico Verissimo e a literatura infantil é um trabalho que deve ser estudado por todos os que estão, de alguma forma, ligados à literatura infantil:

— pelo seu caráter inovador, considerando ser a primeira vez que textos sul-rio-grandenses recebem este tratamento;

— pela abordagem didática, elucidativa do valor da obra de Erico Verissimo e uma abertura para a sua compreensão;

— pela possibilidade de se tornar um modelo para ulteriores estudos, tendo-se em vista as pesquisas que se estão desenvolvendo neste campo.

Gínia Maria Gomes

Obs. A leitura crítica de Erico Verissimo e a literatura infantil foi realizada no período em que a Autora desenvolvia trabalho de pesquisa em Literatura Infantil como bolsista da FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA NO RIO GRANDE DO SUL.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 361 p.

A obra consta de uma Introdução ("A luta pelo significado") e de duas partes ("Um punhado de mágica" e "Na terra das fadas"), além das Notas e Bibliografia.

Bruno Bettelheim, educador e psicólogo infantil, volta-se para o conto de fadas com o objetivo de desvelar o seu significado mais profundo e de acentuar a sua contribuição para o desenvolvimento da personalidade da criança.

O conto de fadas, segundo Bettelheim, nos oferece a possibilidade de aprender os problemas interiores dos seres humanos e, ao mesmo tempo, as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade.

Diante dos imprevistos que a vida apresenta, a criança necessita se entender em diversas situações diferentes e, para isso, precisa ter idéias sobre como colocar ordem no seu caos interior e, a partir daí, ser capaz de ordenar a sua própria vida.

Afirma o Autor que a criança "necessita de uma educação moral que, de modo sutil e implícito, a conduza às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto e portanto significativo" (p. 13).

Os contos de fadas possuem um significado manifesto e um latente. Daí por que eles falam sempre, e ao mesmo tempo, a adultos e crianças.

A história de fadas lida com problemas universais, em especial com os que preocupam o pensamento da criança. Falam ao ego em germinação e encorajam o seu desenvolvimento, além de aliviar as pressões pré-conscientes e inconscientes.

Para Bettelheim, a mensagem dos contos de fadas é a seguinte: "uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana — mas se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as pressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa" (p. 14).

A restrição que o Autor faz aos contos infantis modernos se deve ao fato de que estes são histórias "fora de perigo", não atendendo à necessidade infantil de sugestões em forma simbólica de como lidar com os problemas existenciais. As histórias modernas não mencionam a morte nem o envelhecimento e nem o desejo de eternidade.

O conto de fadas põe a criança em contato com os predicamentos básicos do homem. Sua característica mais importante é colocar a criança diante de um dilema existencial de forma breve e categórica.

O final de "felizes para sempre" não distorce a realidade, mas faz com que a criança veja que uma ligação com outra pessoa, real/satisfatória, salva os limites da vida.

As histórias de fadas, assim como os mitos, falam uma linguagem de símbolos que representam conteúdos inconscientes. Ambos apelam à mente consciente e inconsciente.

O mito, porém, transmite um acontecimento singular, aquilo que não acontece com mais ninguém, enquanto que o conto de fadas narra acontecimentos mais próximos de nós. Embora sejam situações inusitadas, são apresentadas como comuns. A diferença mais significativa entre o mito e o conto de fadas está no final: quase sempre trágico no primeiro e sempre feliz no segundo.

Para Bettelheim os contos de fadas são mais adequados à criança do que os mitos, pois estes "projetam uma personalidade ideal agindo na base das exigências do superego, enquanto os contos de fadas descrevem uma integração do ego que permite uma satisfação apropriada dos desejos do id" (p. 52).

O conto de fadas proporciona à criança a superação do dilema entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Num conto como "Os três porquinhos", a criança entende "que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer" (p. 53).

Segundo Bettelheim, o conto de fadas ajuda a criança a vencer seus conflitos edípicos quando esta começa a lutar contra suas ligações profundas e ambivalentes com seus pais. Mas, ao contrário do que ocorre no mito de Édipo, o herói do conto de fadas consegue superar com êxito as dificuldades inerentes ao crescimento humano.

A história de fadas aborda o problema edípico, não apenas do lado da criança, mas a faz compreender que também os pais têm sentimentos semelhantes. Em "Branca de neve", a rainha é destruída em razão do ciúme e inveja que sentia da enteada, assim como Laio é destruído por causa do seu medo de ser suplantado pelo filho.

A leitura psicanalítica não é a única forma de atingir o significado dos contos de fadas. Como advertem Richter & Merkel (1), nem sempre é válido entender todos os acontecimentos dos contos de fadas como encarnações de processos de uma vida humana psíquica determinada biologicamente. Não obstante a limitação imposta pelo próprio método, a obra de Bettelheim se constitui numa interpretação inteligente dos contos de fadas. Porém, o seu mérito maior é o de recuperar o prestígio desses contos na literatura infantil.

Maria do Socorro Rios Magalhães

- 1 RICHTER, D. & MERKEL, I. Märchen, phantasie und soziales lernen. Berlin, Bases Verlag, 1974.